



signos geográficos

Boletim NEPEG de Ensino de Geografia

ISSN: 2675-1526

www.revistas.ufg.br/signos

**PENSAR A DOCÊNCIA É PENSAR A NOSSA EXISTÊNCIA: DÚVIDAS E
CONTRASTES NA EXPECTATIVA DE CARREIRA DOCENTE DE FUTUROS
PROFESSORES DE GEOGRAFIA**

THINKING ABOUT TEACHING IS THINKING ABOUT OUR EXISTENCE: DOUBTS
AND CONTRASTS IN THE TEACHING CAREER EXPECTATIONS OF FUTURE
GEOGRAPHY TEACHERS

PENSAR EN LA DOCENCIA ES PENSAR EN NUESTRA EXISTENCIA:
INTERROGANTES Y CONTRASTES EN LA EXPECTATIVA DE LA FORMACIÓN
DOCENTE DE FUTUROS PROFESORES DE GEOGRAFÍA

Marcos Bohrer

Instituto Federal de Educação, Científica e Tecnológica Catarinense, Santa Catarina, Brasil
marcosbohrer@gmail.com

Igor Armindo Rockenbach

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, Brasil
irockenbach@outlook.com

Nestor André Kaercher

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, Brasil
nestorandrek@gmail.com

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo analisar os relatos de professores, recém-formados ou perto de receberem o título de licenciado, no que tange às suas expectativas sobre a docência e as ponderações que fazem sobre suas trajetórias profissionais diante do atual cenário da profissão e considerando as condições de trabalho. Para isso, foi realizada uma análise bibliográfica, a fim de trazer elementos que evidenciam a precariedade presente em questões, como remuneração, atratividade da carreira docente, carga horária intensificada, entre outros elementos. Um paralelo com o filme *O Substituto*, que aborda a realidade de um professor, foi trazido, para compor e para estimular as reflexões sobre o cotidiano docente. Como metodologia, utilizou-se de narrativas, nas quais foram trazidos relatos dos sujeitos da pesquisa. Como resultados, elencam-se e se analisam as preocupações, por parte dos sujeitos, por uma remuneração e por uma carga horária adequadas, bem como pela compreensão de que as demandas subjetivas reforçam a urgência pela valorização profissional e por melhores condições de trabalho.

Palavras-chave: ensino de Geografia, carreira docente, condições de trabalho, precarização profissional.

Abstract: The objective of the present study is to analyze the reflections of recently graduated teachers or those who are close to receiving their licentiate degree, regarding their expectations about teaching and reflections on their professional trajectories in face of the current profession scenario, considering the working conditions. To do so, it was carried out a bibliographical analysis, trying to bring elements that show the present precariousness issues, such as remuneration, attractiveness of the teaching career, intensified workload, among other elements. It was brought a parallel with the movie *Detachment*, which deals with the reality of a public-school teacher, to compose and stimulate reflections about a teacher daily life. As a methodology, it was used narratives, in which it was sought reports from the research subjects, through free speech, to emphasize elements considered fundamental throughout this period. As results, it is listed the concerns, on the part of the subjects, for an adequate remuneration and workload, as well as for the understanding that subjective demands reinforce the urgency for professional valorization and better working conditions.

Keywords: Geography teaching, teaching career, working conditions, professional precariousness.

Resumen: El presente trabajo tiene como objetivo analizar las reflexiones de los profesores, recién egresados o cercanos a recibir el título de licenciado, sobre sus expectativas con respecto a la docencia y las reflexiones que ellos hacen sobre sus trayectorias profesionales frente al escenario actual de la profesión, considerando las condiciones de trabajo. Para esto, fue realizado un análisis bibliográfico con el intuito de exponer elementos que evidencien la precariedad que se presenta en cuestiones tales como: remuneración, atractivo de la formación docente, carga horaria intensificada, entre otros elementos. Se ha hecho un paralelismo con la película *El Profesor*, el cual aborda la realidad de un profesor del ámbito público, con la intención de hacerlo parte y estimular las reflexiones sobre el cotidiano docente. Como metodología, se utilizó la narrativa, en las cuales buscamos relatos de los sujetos de investigación, a través del diálogo libre, para que pudieran dar énfasis a los elementos que consideran fundamentales a lo largo de ese período. Como resultados, se listaron las preocupaciones por parte de los sujetos por una remuneración y carga horaria adecuada, bien como la comprensión de que las demandas subjetivas refuerzan la urgencia por la valorización profesional y por mejores condiciones de trabajo.

Palabras-clave: enseñanza de Geografía, formación docente, condiciones de trabajo, precarización profesional.

Introdução

Este artigo é resultado de reflexões feitas ao longo e após os estágios docentes obrigatórios de dois doutorandos, realizados no segundo semestre de 2019, nas turmas de *Estágio de Docência III – Ensino Fundamental* e de *Estágio de Docência IV – Ensino Médio* do curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Em uma conversa de orientação, envolvendo as provocações levantadas em sala de aula, surgiram duas perguntas, as quais balizam este texto: o que esses e essas jovens farão, após se tornarem licenciados e licenciadas? Irão efetivamente para as salas de aula da

educação básica? Tais perguntas foram muito significativas na conclusão do curso de graduação e continuam a inquietar, atualmente, enquanto docentes atuando em disciplinas voltadas à formação de professores e de professoras. De forma prática, o movimento do presente estudo pretende desvendar se estudantes egressos ou na iminência de obterem a graduação em cursos de licenciatura permanecem com estas interrogações, bem como investigar como isso afeta as suas trajetórias.

Refletimos inúmeras vezes sobre estas questões nos encontros com alunos e com alunas na condição de concluintes, pois se observava que esse tópico representa uma dicotomia constante em suas vidas. Ao longo das aulas no período noturno da Faculdade de Educação (FACED) da UFRGS, muitas vezes, as angústias e o desânimo se tornavam componentes do debate, algo natural nas falas de professor e de estudantes e, de certo modo, algo que pressupomos como inerente à carreira de professor. Porém, não foram poucos os encontros com animadas ponderações e diálogos, o que nos fazia perceber o interesse dos estudantes e das estudantes em exercer a profissão com dedicação e com entusiasmo. Estes contrastes e esta visão ambígua sobre a docência chamaram nossa atenção e nos motivaram a conjecturar, de maneira mais aprofundada, sobre a percepção destes estudantes e destas estudantes sobre suas próprias trajetórias.

Ao considerar as práticas e os relatórios desenvolvidos, produtos das atividades desempenhadas, ao longo do estágio em escolas, era visível o número de acadêmicos com grandes capacidade e vontade de exercer a docência, enquanto sujeitos instigados a fazer a diferença em uma sala de aula. Por exemplo, os estagiários e as estagiárias elaboravam práticas, relacionadas ao cotidiano, envolvendo músicas e seus gostos, nas quais os jovens e as jovens se envolviam, para revelar suas vivências, seus gostos e suas práticas sociais. Pode parecer simplista — especialmente, em um texto acadêmico sobre ensino —, porém, para quem está nas escolas, ler sobre práticas que movimentam os estudantes é genial. Mais do que isso: no exemplo citado — e em outros relatos de estágio —, era visível o movimento de escuta aos alunos e às alunas, isto é, a tentativa de romper com a lógica, na qual o docente e a docente professam e os estudantes e as estudantes escutam.

Nas aulas dos cursos formadores, seja no estágio docente, sejam nas instituições, nas quais lecionamos, buscamos desempenhar, a todo momento, o papel de formadores de professores e de professoras, preparando-os(as) para exercerem atividades nos espaços escolares, através dos conhecimentos geográficos e pedagógicos. Nesse ínterim, quando os acadêmicos e as acadêmicas chegam às instituições de ensino, para realizarem seus estágios, a realidade da rede pública de ensino bate à porta dos e das estudantes: há escolas com

estruturas físicas precárias e com corpo docente, muitas vezes, distante da dignidade profissional esperada, causando novas preocupações e temores. Não é raro, ao dialogar com estes e com estas estudantes, ouvir notas de desestímulo, após se depararem com condições tão limitadoras.

Para se ter uma ideia, no estado do Rio Grande do Sul, contexto no qual se formam os alunos e as alunas com quem dialogamos, a classe do magistério estava recebendo seus salários de forma parcelada há mais de cinquenta meses, além de estar sem os devidos reajustes há muitos anos¹. Considerando editais de concursos públicos, em pesquisa recente, referente à remuneração básica inicial do magistério nos municípios do estado, observamos que a "[...] remuneração média dentre os editais analisados no triênio 2016-2019 foi de R\$ 1.485,39 para um regime de 20 horas semanais" (MARTINEZ; ROCKENBACH; KAERCHER, 2020, p. 62). Isto é, a média salarial de um docente municipal do estado do Rio Grande do Sul está pouco acima do salário mínimo nacional. Dito de outro modo, além das condições de trabalho, a remuneração docente é outro fator que caracteriza o precário cenário que esses formandos e que essas formandas encontrarão, ao concluírem a formação em uma licenciatura. Depois de vivenciar tal realidade, a expectativa de encarar uma jornada profissional de 25-30 anos em um ambiente desses é afetada de algum modo? Nesse sentido, o presente trabalho de escuta busca saber dos rumos profissionais destes novos trabalhadores e destas novas trabalhadoras em educação.

O que mais impressionou nos relatos dos estudantes, em relação à situação dos docentes, com os quais conviveram neste momento, foi a constância de professores cansados, mental e fisicamente, além da falta de reflexão sobre a prática e do abandono da aula expositiva-dialogada, motivados pelas altas cargas-horárias de trabalho e pela intensificação das tarefas, entre outros fatores, que colocam a docência em situação de desalento. Salientamos que, de forma alguma, criticamos a postura do quadro docente, pois sabemos — é sempre importante reiterar — que as condições impostas aos professores, em geral, são áridas. Diante dessa conjuntura, saber o que pensam os alunos e as alunas sobre a escolha profissional e sobre as suas perspectivas na profissão de professor de Geografia é algo importante para nós, docentes que trabalhamos com a formação.

¹ Cf. disponível em: <https://cpers.com.br/reposicaoja-cpers-apresenta-pauta-salarial-a-casa-civil-e-pede-abe-rtura-de-mesa-de-negociacao/>. Acesso em 25/08/2021.

Entre as cenas da docência: reflexões e repetições

A partir desse diálogo, pretendemos aprimorar nossa prática, aprender com os acadêmicos. Para elencar alguns elementos, que julgamos importantes, traçamos um paralelo com o filme *Detachment – O Substituto* (2011), película que se afasta do clichê da docência, como obra salvadora, centrada na ação de uma figura única, que faz toda a instituição mudar. Ou seja, trata-se de narrativa diferente da de muitos filmes, que colocam a figura do professor como a de um ser com poderes sobrenaturais. Na trama, um professor do Ensino Médio da rede pública dos Estados Unidos da América, que atua como substituto nas escolas, gosta de sua condição, pois, em sua visão, não corre o risco de criar laços com estudantes e/ou com colegas. O professor passa um curto período atendendo às demandas de uma escola, e, após certo tempo, é designado para outra instituição.

O roteiro revela o cotidiano da escola, bem como um corpo docente formado por pessoas comuns, com dilemas, com angústias e com dificuldades que são vivenciadas em concomitância com a prática professoral. Como exemplo, podemos citar a situação de uma professora, que ao sair da escola chega em casa e cozinha, atende ao filho e faz as tarefas domésticas, conciliando as múltiplas jornadas. Por sua vez, o protagonista, após lecionar, tem preocupações com a saúde do seu avô, o que representa que os docentes estão sempre em contato com impasses, os quais, muitas vezes, são intensificados por sua condição de trabalho. Ao chegar nessa nova escola, ele se depara com colegas desmotivados, com estudantes agressivos e com mães/pais e/ou responsáveis legais ausentes. Para além do cenário interno da instituição, a história revela a ocorrência de políticas externas de avaliação e de desmonte da educação pública, as quais levam a diretora do educandário ao desespero e o corpo docente a um total descrédito em sua profissão. Parece-nos, muitas vezes, o cenário comumente encontrado na realidade gaúcha e, igualmente, na brasileira. A trama se desenvolve por três semanas, nas quais o protagonista, professor Henry Barthes (Adrien Brody) se divide entre as aulas e a atenção ao avô, internado em uma clínica e diagnosticado com Alzheimer. Junto com este cuidado, sucedem-se muitos obstáculos pessoais, os quais envolvem o falecimento de sua mãe, entre outras questões, envolvendo suas relações particulares.

Ok, mas o que queremos com esse filme? Em que ele contribui para a formação de professores? Parece-nos que há dois elementos fundamentais: primeiro, as condições dos docentes (psicológicas e profissionais) e o seu cotidiano (vida material); segundo, e mais importante, a nossa capacidade de resiliência. Henry entende que essa é a sua realidade e exerce o seu trabalho, convivendo com suas angústias e procurando, acima de tudo, o diálogo

com os alunos, pois sabe que, no fundo, o que eles mais precisam é de alguém, qualquer pessoa, que os escute. Serem ouvidos, no fim, é o que alguns dos jovens mais precisam naquele contexto. De maneira geral, tal é a vida dos docentes representados no filme: sem tempo para reflexões profissionais ou pessoais, como “o que eu faço da minha docência?” e/ou “o que ela faz comigo?”. O cotidiano “engole” as personagens/pessoas, que não têm tempo e, muito menos, oportunidades para estudarem, para se aprimorarem e para refletirem sobre suas práticas. Em outras palavras, o corpo docente vive um dia após o outro, induzido, pelo contexto que o cerca, a promover apenas a reprodução. A única e curta tentativa de formação continuada representada na película visa a melhorar índices avaliativos, ou seja, em nenhum momento foi pensando nos processos de ensino e de aprendizagem ou foi pensando no alunado e no corpo docente. O importante é melhorar os índices. Cremos que todos nós, professores e professoras, já tenhamos vivenciado tal realidade.

Retomando a situação docente, é visível que não apenas Henry, mas, igualmente, seus colegas, estão condicionados ao cenário imposto. Em diversos trechos da película, em que os professores são retratados em suas vidas privadas, os dramas, as circunstâncias e a sobrevivência consomem grande parte de seu tempo. O que há de expoente no filme é, justamente, a representação dos docentes como seres reais, na busca de se preservar das violências sofridas por exercer uma profissão precarizada, por estar numa condição de trabalho insatisfatória. Mesmo assim, o corpo docente encontra espaços, subterfúgios, para manter viva a crença no ensinar, tal como na passagem na qual uma feira é organizada na escola. Nesse episódio, os jovens se envolvem, participam e se divertem, gerando um momento diferente da rotina do dia a dia, de aprendizagem e de entusiasmo. Porém, esses momentos são raros e descontínuos, enquanto as condições duras de trabalho seguem permanentes.

De maneira geral, o protagonista poderia ser substituído por um docente das nossas escolas. Por meio dos relatos dos estagiários, quando retornam da escola, há grande similaridade com o universo representado neste longa-metragem. Em nossa prática — bem como nos relatos dos acadêmicos — percebemos o quanto momentos singulares de uma aula ou de projetos extraclasse são significativos e instigam os estudantes. A pergunta que fica é: como romper com essa lógica, para não nos tornarmos mais professores desiludidos, como Henry? Este é o temor dos autores deste trabalho: o estabelecimento de uma docência apagada, que traz pouco ânimo, seja ao docente, seja aos discentes. Essa condição é central para nós, educadores: como despertar o desejo de saber se estamos nos tornando indiferentes à realidade docente (e aos alunos e à escola)? Eis a importância do debate aqui trazido.

Não podemos nos afastar de algo que nos permite refletir sobre nossas condições profissional e pessoal. Pensar a docência é pensar a nossa existência, pois, ao entrarmos numa sala de aula, seja qual for o nível ou ano, entramos por inteiro. Nosso corpo fala. Nossos valores, nossos medos e nossos desejos são expressos junto com os conteúdos programáticos. Há a importância da prática e da teoria, entretanto, muito mais do que uma teoria ou leitura, pensar sobre nossas ações e sobre nossa realidade diminui o risco de nos tornarmos repetitivos e conformados.

Há uma queixa apressada de que os cursos de licenciatura “teorizam demais”, “tem pouca prática”, “não preparam o futuro docente”. Até pode ser verdade em muitos casos, mas isso não desautoriza o necessário estudo, a busca de uma teorização que embase solidamente nossa ação. (...) A reflexão sobre o que se faz é imprescindível (KAERCHER, 2004, p. 58).

Não se desconsidera a importância da prática/teoria; pelo contrário, os estágios são fundamentais para a formação dos acadêmicos e das acadêmicas. Entendemos que teorizar sobre a realidade profissional e sobre os anseios cotidianos da carreira docente também é essencial para a realização do professor e tem efeitos em sua prática, visto que, muitas vezes, as barreiras que mais impactam estudantes e futuros professores, bem como os professores em atuação, não dizem respeito à sua prática ou ao seu embasamento teórico, mas sim às condições de trabalho. Teorizar sobre o que se faz e, especialmente, sobre a realidade que se vivencia enquanto docente é um caminho que nos pareceu ser necessário.

Contrastes da trajetória profissional: elementos teóricos para o debate

São muitos os tensionamentos presentes na carreira docente e que, naturalmente, sensibilizam os profissionais. Não obstante se entenda que toda e qualquer profissão é atravessada por instabilidades e por incertezas, nosso objetivo é de desdobrar a condição presente no cenário dos professores, mais especificamente dos professores de Geografia que estão prestes a concluir o seu curso ou que se formaram, recentemente, para atuar como docentes.

Nesse sentido, procurou-se refletir sobre as incertezas que atravessam os futuros professores de Geografia, especialmente no que está relacionado às motivações relacionadas à carreira docente. Diante dos tópicos observados na experiência com o Estágio Docência, foi possível estabelecer um paralelo com o referencial fílmico *O Substituto*, com os diferentes dados relacionados ao interesse/atratividade da profissão docente e com pesquisas que

evidenciam o contexto precarizado no qual estão inseridos os profissionais da educação e, conseqüentemente, os professores de Geografia.

Ao nos aprofundarmos nos relatos dos estudantes das disciplinas de estágio, algumas dúvidas surgiram, com bastante potência, em nossa análise: de que maneira os professores recém-formados ou perto de receberem o título de licenciados imaginam sua trajetória profissional? Será que a veem com entusiasmo ou pessimismo? Diante do imaginário social, que cerca a profissão “professor”, eles se sentem motivados? Pretendem, de fato, seguir com suas carreiras ou ainda estão indecisos? De que maneira a realidade da precariedade afeta sua motivação e sua escolha profissional?

Não são recentes os debates que abordam as condições de trabalho e estruturais envolvendo os profissionais da área. Encontra-se amparo teórico para fortalecer essa discussão quando se observa que essa realidade que afeta os professores das distintas áreas, naturalmente, afeta os profissionais da Geografia. Entende-se que a prática dos professores da Geografia é afetada por esses obstáculos que atravessam a profissão. Portanto, torna-se um debate relevante no campo do Ensino de Geografia, uma vez que compreendemos que as expectativas dos profissionais que atuarão em sala de aula quanto à carreira docente do professor, bem como a realidade percebida e sentida por eles, refletem nas aulas de Geografia praticadas nos espaços escolares.

Cavalcanti (2019, p. 46) estabelece uma correlação entre esse tema e os profissionais da área ao apontar que limitações estruturais vêm impondo problemáticas ao trabalho autônomo e autoral dos docentes. É reforçado pela autora que essa realidade limitadora vem se acentuando nos últimos anos, especialmente quando o conceito de “tragédia docente”, presentes nas discussões de Shiroma, Michels, Evangelista e Garcia (2017), é trazido para contribuir com esse debate.

Para as autoras, evidenciar a tragédia docente se constitui como essencial para a defesa da educação e para a valorização da prática docente. É sinalizado que há reflexos dessa precarização que são cada vez mais perceptíveis na realidade profissional de educadores, os quais precisam ser analisados a luz de alguns movimentos e políticas para a educação das últimas décadas.

O professor está ameaçado, pressionado, abandonando a profissão, com salário e carreira precarizados. Jargões empobrecedores apesar da aura positiva (...) adjetivam-no e pretendem desconstituí-lo no que tange às suas funções profissionais específicas de viabilizar a apropriação crítica e ativa do conhecimento histórica e socialmente produzido. Ademais, tais políticas tornam indefinido e gelatinoso seu campo de trabalho (SHIROMA et al, 2017, p. 20).

Considerando os trechos pontuados, observa-se que, do ponto de vista teórico, as indefinições e limitações impostas à profissão não se restringem a uma questão meramente trabalhista, mas estão relacionadas a todo o universo da atuação do professor. As condições de trabalho se correlacionam com à prática profissional. Fica óbvio que ao se precarizar a profissão, entre outros efeitos, prejudica-se a prática e se desmobiliza os professores e os possíveis professores. Ao analisar a carreira, a remuneração e as incertezas do cenário docente, analisa-se também a prática em sala de aula, entende-se essa realidade.

Em geral, o cenário da docência apresenta características repetidas no Brasil: desvalorização do ofício e baixa atratividade da carreira, as quais se tornam motivos de preocupação, tanto para o corpo profissional dos cursos formadores quanto para os próprios profissionais destes cursos, que optaram por ingressar na carreira, uma vez que, como apontam Aranha e Souza (2013, p. 78), encontram uma realidade docente:

[...] cada vez mais atravessada pela precarização do trabalho e desvalorização do ofício, num cenário em que professores e opinião pública internalizaram como habitus a consciência de que todos devem ser escolarizados, e teremos pelo menos parte da explicação do porquê a crise atual na educação tem como uma de suas decorrências o adoecimento dos professores ou o elevado grau de absenteísmo ao trabalho.

Isto é, há um problema evidente nesse cenário e, dessa maneira, convém questionarmos como um profissional se sente no momento de iniciar sua trajetória, como formado, diante deste panorama. Afinal, é importante pensarmos de que maneira um docente percebe a profissão, na qual possivelmente atuará por muitos anos. Ao mesmo tempo, parece-nos igualmente relevante perceber de que jeito se apresenta uma profissão, que é tão significativa para o país e para as pessoas que nela atuam.

A baixa atratividade da carreira docente já pode ser evidenciada na busca por esses cursos nos vestibulares e nos demais modos de ingresso nas universidades. É observável, em algumas realidades, que as licenciaturas têm sido menos procuradas, em relação a outros cursos, o que vem se acentuando cada vez mais, com o passar dos anos:

Indicador preocupante dessa baixa atratividade está expresso na relação candidato/vaga dos últimos 14 vestibulares da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) (2000-2013), o que parece estar longe de ser uma situação exclusiva desta Universidade. Em 2000, dos 17 cursos mais concorridos, seis formavam professores. Nos vestibulares 2012 e 2013, não houve um único curso de licenciatura entre os 15 mais concorridos (ARANHA; SOUZA, 2013, p. 79).

A redução da atratividade, observada no decorrer dos anos nesse recorte, pode ser correlacionada com as reflexões expostas em Shiroma et. al (2017, p. 19-20) que apontam que desde a década de 1990 vem se intensificando uma crise na profissão docente.

Tal conjuntura não está presente apenas na escolha pela profissão, mas, também, no momento de exercê-la. Mesmo entre os estudantes que optam por seguir uma formação em docência, poucos decidem continuá-la, afastam-se da profissão ainda durante a formação ou logo após se formarem, como apontou a Agência Brasil (CRAIDE, 2017), com base em levantamento, realizado a partir de dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). O estudo aponta que: “A cada 100 jovens que ingressam nos cursos de pedagogia e de licenciatura no país, apenas 51 concluem o curso. Entre os que chegam ao final do curso, só 27 manifestam interesse em seguir carreira no magistério.”. Portanto, consoante os dados, apenas 27% dos estudantes decidem atuar no magistério, após ingressarem em um curso da área, número que é bastante revelador do desinteresse pela profissão.

Contudo, para além de nos atermos às questões estatísticas e generalizantes, interessamos saber quais são as questões intrínsecas aos sujeitos, que os fazem decidir por não seguir neste caminho ou, quando o seguem, qual é a realidade que esperam encontrar após a formação professoral.

Este foi o diálogo que buscamos realizar neste trabalho. Além disso, busca-se analisar as questões emergenciais, que são importantes, para que se altere a lógica do desinteresse pela profissão. Questionamos, pois: quais caminhos tornaram essa profissão atrativa aos entrevistados? O que as pessoas que escolheram tal profissão podem nos apontar sobre a baixa atratividade geral da profissão? Como suas colocações podem nos ajudar a refletir sobre estratégias, para tornar a escolha profissional pela docência menos dura? E desejamos saber, ainda, como será possível vislumbrar o futuro de um país, no qual a profissão do docente tem tamanho desinteresse e desestímulo, quanto aos seus potenciais profissionais? Tais preocupações nos parecem, de fato, emergenciais, posto que, mantida a tendência de busca pela profissão, os cursos de licenciatura podem não estimular mais os candidatos e a desistência da carreira docente pode continuar a aumentar (ARANHA; SOUZA, 2013, p. 79).

Foi a partir das problemáticas então colocadas e nas discussões teóricas que levantam a pertinência desse debate que decidimos abrir e compartilhar esta análise e dialogar com nossos futuros profissionais. Essa decisão foi tomada não apenas para levantar diferentes questões relacionadas ao tema, mas, também, para confrontar, a partir dos relatos pessoais, como as questões subjetivas surgem diante da realidade da profissão docente no país e de que

maneira as perspectivas pessoais nesse contexto são afetadas e se relacionam com os tópicos trazidos nesse debate.

De quem são as vozes que dialogam conosco

Para analisar um recorte da realidade dos acadêmicos, participaram três discentes: um estudante concluinte do curso de Licenciatura em Geografia; e dois estudantes formados nos últimos dois anos. A escolha foi feita após um convite direcionado a discentes das disciplinas *Estágio de Docência III – Ensino Fundamental* e *Estágio de Docência IV – Ensino Médio* do curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que estivessem interessados em participar da pesquisa. A partir da elaboração de um documento, explicando a forma de preparação da pesquisa, foi enviado um convite para que os interessados participassem via plataformas *online*, buscando manter o resguardo social indicado, considerando o período pandêmico. Buscavam-se professores de Geografia com até dois anos de conclusão do curso e/ou acadêmicos em processo de término da formação. Ao todo, quatro sujeitos responderam ao contato inicial, dos quais três enviaram respostas aos questionamentos feitos. Após os aceites, a proposta de trabalho foi apresentada, informando-os que, a partir de suas respostas, realizaríamos a escrita de um artigo sobre formação de professores de Geografia. Aos acadêmicos participantes, foi solicitado que gravassem áudios, através de um aplicativo de mensagens, respondendo a cada uma das perguntas organizadas no quadro a seguir, que serviram de guia para a nossa escrita.

Quadro 1: Perguntas feitas aos sujeitos

1) Apresente-se. Quem é você? Qual sua profissão? Qual a profissão dos seus pais? Em que município reside? Quando se formou ou quando irá se formar? Sinta-se à vontade para falar sobre você.
2) Quando você entrou na graduação em Geografia você pretendia ser professor(a)? Sim ou não? Justifique.
3) Ao longo da graduação teve algum momento em que você se sentiu mais estimulado(a) ou desestimulado(a) a seguir a carreira docente? Conte-nos um pouco sobre.
4) Na etapa final da graduação, você pretende/preendeu seguir a profissão docente? Sim ou não? Por quais motivos? O que pretendes fazer na profissão ou fora dela?
5) Como um(a) formando(a) ou recém licenciado(a), quais perspectivas você vislumbra para sua carreira pensando no campo profissional docente (por exemplo, itens como remuneração salarial/local de trabalho/carga horária, entre outros)?

6) Você imagina, atuando no magistério, que sua profissão lhe proporcionará satisfação pessoal ao longo da carreira? Quais elementos você apontaria como fundamentais nesse sentido?

Fonte: elaborado pelos autores (2021).

A demanda pelos áudios foi utilizada para criar uma forma mais espontânea de manifestação, dada a distância entre os sujeitos falantes e ouvintes, na intenção de que estes narrassem naturalmente suas trajetórias acadêmicas, bem como projetassem seu destino nos anos subsequentes aos da conclusão do curso.

Portugal (2019) afirma que a narrativa permite, aos professores de Geografia em formação inicial, fazer uma reflexão, na medida em que eles "[...] narram, explicam, interpretam e refletem sobre os acontecimentos e as experiências" (PORTUGAL, 2019, p. 2002). Assim como na pesquisa da professora, realizada com acadêmicos participantes do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid), aqui, pretendemos conhecer as narrativas de estudantes que estão na transição da vida universitária para a vida profissional. As narrações são, nesse sentido, um registro reflexivo no qual a docência se encontra com a formação acadêmica, permitindo o exercício de pensamentos sobre a profissão e sobre os projetos profissionais dos estudantes. A opção pela narrativa falada, ao invés de outros dispositivos, tal qual um formulário com perguntas objetivas, deu-se para garantir o protagonismo dos participantes, pois este formato de aquisição de dados:

[...] se distingue das demais técnicas ao assumir como principal objetivo a intenção de fazer emergir o contador de histórias no narrador que narra a história de um acontecimento que vivenciou, com o mínimo de intervenção do entrevistador, cujo papel é privilegiar a emergência de enredos singulares, com a linguagem própria do narrador (PORTUGAL, 2019, p. 203).

Em outras palavras, tal ferramenta permite uma livre fala, na qual os acadêmicos assumem o protagonismo e podem dar ênfase aos elementos que consideram fundamentais, ao longo do período formativo. Conforme Portugal (2019), os acontecimentos vivenciados são destacados, a partir da importância dada por quem narra, privilegiando as emergências dos sujeitos e permitindo diferentes enredos para uma mesma etapa formativa. Ou seja, cada momento formativo pode gerar diferentes experiências, signos e dimensões, e tal preocupação se refletiu na elaboração das perguntas, as quais foram feitas de forma bem aberta, dando liberdade a quem narra. Isto ficou nítido, a partir da extensão e das falas dos áudios, que não foram curtas, objetivas e diretas, pois todos tinham muito a relatar. Pelo contrário, todos os

entrevistados produziram falas contextualizadas, desvendando pontos e ocorridos tangentes à temática, os quais julgavam importantes, especialmente, para suas trajetórias.

Após recebermos os arquivos de áudio, transcrevemos as falas dos três sujeitos. No texto, mantivemos as formas originais de fala, com breves adaptações, para a preservação do anonimato e para a fluidez do escrito. A partir delas, iniciamos o estudo dos tópicos propostos nos eixos (Quadro 1), procurando elementos de aproximação e/ou de divergência nas vivências (PORTUGAL, 2019). Sublinha-se que, ao buscar elementos que aproximam as histórias de vida, não se pretende enquadrar os professores em um perfil específico. Pelo contrário, buscamos escutar suas narrativas e, com elas, compreender quais são os anseios, os desejos, as expectativas, as frustrações e o que mais estes indivíduos, que ora se formam ou que já se formaram, quiseram nos contar. Para manter o anonimato dos sujeitos, optamos por chamá-los por nomes de personagens do filme *O Substituto*, sem nenhuma relação com o enredo da película. Os três colegas, com quem conversamos, serão chamados, a partir de agora, de: Mathias, Charles e Kepler.

O que eles nos contam

Os três jovens revelam, a partir de suas palavras, que são de famílias de classe média e que dois deles residem na capital e o outro, em município da Região Metropolitana de Porto Alegre. Mathias é filho de uma secretária, que, ao chegar na capital, trabalhou como babá, e seu pai é aposentado do serviço público. Sua mãe fez faculdade recentemente e seu pai tem o ensino médio incompleto. O pai de Kepler é carpinteiro e sua mãe é funcionária pública — atuando na área da saúde do município de residência. Charles pouco falou de sua família, comentando que seu pai é aposentado e que sua mãe é dona de casa. Assim como no filme, as relações familiares e as demais questões subjetivas são fundamentais para compreender como eles relacionam as experiências na escola e as suas trajetórias pessoais, por isso a primeira pergunta foi importante para entendermos o contexto de vida, que compõe o relato.

No que tange à ocupação, apenas Mathias está lecionando e, mesmo assim, de modo não formal, como plantonista em um curso pré-vestibular. Ao mesmo tempo, o estudante cursa o bacharelado em Geografia e realiza uma especialização. Charles terminou a graduação e, atualmente, cursa o mestrado. Kepler, por sua vez, trabalha em uma agência dos Correios e está prestes a concluir a graduação.

Kepler iniciou a graduação no bacharelado em Geografia e não pensava em atuar como docente. Ao longo do curso, percebeu que a licenciatura oportunizaria maiores chances

no mercado de trabalho e, por conta disso, mudou sua ênfase de curso. Assim como ele, Mathias, apesar de iniciar na licenciatura, não pensava em ser professor. Apenas Charles iniciou o curso determinado a ser professor.

A condição das escolas, no momento do estágio, é um encontro com a realidade. Assim como o protagonista e os colegas do filme supracitado, os três docentes pesquisados tiveram momentos para pensar e para repensar a profissão de escolha, durante as práticas dos estágios. Nesse sentido, Charles relata as dificuldades estruturais e de trabalho docente em uma escola de ensino fundamental. Ele, que sempre se imaginou professor — ingressou na graduação com a certeza sobre sua escolha de formação profissional —, sentiu-se desamparado, sobrecarregado e desestimulado, ao longo do estágio na escola, revelando, ainda, que, naquele momento, achava-se imaturo para trabalhar com adolescentes, algo que o deixava ainda mais frustrado. Tal sensação de impotência, frente à estrutura da escola, bem como os conflitos com os alunos — que se misturavam com as relações sociais dos adolescentes fora da escola — pesava demais. Kepler passou por um processo parecido, em seu estágio no ensino fundamental, pois se sentia igualmente inseguro para lidar com os jovens. Mathias conta que, em seu contato com a escola, era questionado por professores, que perguntavam se era aquilo mesmo que ele queria para a vida, pois era jovem e poderia realizar outras escolhas. Isso, juntamente com os diálogos na sala dos professores e com o desgaste emocional de parte do corpo docente, deixavam-no em dúvida quanto à continuidade da carreira. Imaginar-se em um ambiente como esse, ao longo de 30 anos, era algo que, até então, não havia sido projetado pelo estudante.

Os jovens, ao encontrarem a escola pública, parecem estar no cenário do substituto, o protagonista da película. Eles se deparam com realidades de sujeitos, professores e alunos, em um cotidiano pesado, enfadonho e difícil. No filme, o substituto parece abandonar a ideia de felicidade, com o passar dos anos naquela realidade, e as frustrações passam a mover o protagonista na busca por superar os dias, as semanas, os meses. Porém, as procuras pela felicidade e pela satisfação na profissão estão presentes nos relatos dos estagiários. Ao mesmo tempo em que há essa busca, ocorre um questionamento, quanto à pertinência (prática) da profissão na construção de uma trajetória de vida. Tal busca, para Mathias, foi confrontada com as observações, advindas dos contatos com professores experientes e das vivências no espaço escolar, a partir da obtenção de um emprego em uma instituição de ensino. Seu relato expõe um pouco do cenário, no qual uma realidade mais dura é percebida e causa questionamentos:

Tinha um professor que sempre que me encontrava ele comentava: ‘E aí, quer ser professor mesmo? Dá tempo de desistir, hein!’. E a gente sempre conversava e ele falava: ‘Ah, cara, se eu tivesse a tua idade, meu, eu estaria fazendo outra coisa. Teria fugido disso aqui.’. Ele sempre falava assim. E essas coisas me deixaram curioso, me faziam pensar, porque ele estava muito tempo lá na escola, de 25 a 30 anos que ele dava aula lá. E via outros casos de professores saindo chorando da sala, de aluno mal educado e professores reclamando. A sala dos professores, lugar mágico, tu vê a parte real dos professores, eu convivia lá na sala dos professores, direto, e via assim reclamações e casos de acontecimentos em sala de aula que eu sempre pensava ‘será que é isso mesmo que eu quero?!’ (...) São coisas que a gente pensa quando está ali nesse meio e ouvindo essas coisas. Claro, é uma coisa que me desestimulava porque eu sei que tem todo um outro lado, mas falando mais especificamente desse lado da questão, seguido eu ouvia isso e ficava pensando como seria comigo, se eu chegaria em casa feliz trabalhando como professor (MATHIAS. Relato pessoal).

Pensando no futuro da carreira profissional, Kepler afirma que seu grande receio é de encontrar, em seu cotidiano profissional, as mesmas dificuldades, pelas quais passou, ao longo do estágio. O docente pondera: “se com uma turma de 6º ano já era complicado, imagina lecionando para diversas turmas dessa faixa etária por 10, 20 anos” (relato pessoal de entrevistado). Outro ponto que deixa o jovem pensativo, quanto a seguir na profissão docente, é o fato de desconhecer o mercado de trabalho, especialmente, no que toca às oportunidades de emprego, ainda mais que, atualmente, tem um emprego e já está com 34 anos — em sua percepção, uma idade avançada para iniciar na docência.

As experiências vivenciadas no estágio não assustam Mathias, que tem exercido a profissão — de modo informal — como plantonista e como professor voluntário. Ele aponta que ainda é incerto se quererá ser professor para o resto da vida, inclusive, porque não vislumbra um modelo único de docência. Outro fato que merece destaque é o de que o jovem pretende morar em outro país e, desse modo, não teria como exercer a docência no Brasil. A partir do seu relato, é possível inferir muitos planos e poucas certezas. O cenário da atuação docente não é visto como uma garantia, igualmente, podendo ser substituído, caso haja melhores oportunidades, do que se depreende que a situação precarizada da profissão não estimula a encará-la como uma prioridade.

Charles, após um estágio conturbado, pretende seguir na carreira docente. O contato com professores e com professoras da área de ensino de Geografia abriu outras dimensões para o jovem, especialmente, no que tange à realização na profissão. Neste ponto, o professor destaca o magistério federal como uma possibilidade de emprego digno, seja num instituto ou numa universidade federal. As realidades municipal e estadual, não citadas neste momento, destoam bastante das possibilidades trazidas por ele, tanto na questão remuneratória como,

geralmente, nas questões de infraestrutura. Momentaneamente, seu foco é o de cursar o mestrado e, tudo se encaminhando, realizar o doutorado. Com o ingresso no mestrado, a prioridade será a academia.

A questão da remuneração é algo que gera apreensão nos relatos que ouvimos. É sinalizado, nas falas, que a realidade salarial da profissão, que contempla a maioria dos docentes da educação básica, não é satisfatória. Nesse sentido, a expectativa de remuneração, mencionada em dois dos três relatos, não condiz com as condições observadas na educação básica, estando bastante distantes do piso do magistério federal atual (R\$ 2.886,24 para um regime de trabalho de 40 horas semanais, em 2021) e com sua evolução nos últimos anos, por exemplo. Assim, a remuneração entra como elemento imperativo nos depoimentos dos entrevistados, especialmente, no relato de Charles, que pontua que uma “remuneração justa” auxilia na satisfação profissional, bem como evita a sobrecarga de trabalho, o acúmulo de funções ou a busca pela complementaridade de renda em outra profissão, além de permitir uma dedicação plena ao trabalho docente:

É fundamental acho que para qualquer professor ou profissional de qualquer área uma remuneração que a pessoa considere justa por aquilo que ela se esforçou (...). Pois não adianta a pessoa só te agradecer, só celebrar por tu estar ali e não te pagar. Isso não me soa bem. (...) Porque senão eu vejo que vou estar sempre tentando buscar alguma coisa diferente para tentar aumentar a minha renda (...) e isso vai fazer com que eu faça as coisas sem estar 100% entregue (CHARLES. Relato pessoal).

Em paralelo a esse tema, outro ponto que os professores revelam dúvidas diz respeito à carga de trabalho. Percebe-se que suas interrogações se relacionam muito à tríade remuneração, desgaste e qualidade da aula e este tópico também aparece na película, quando um professor, esgotado de sua jornada de trabalho, janta com a família, sempre pensando nas tarefas que ainda precisa finalizar. No relato de Kepler, articulado a essa conjuntura, há algumas certezas e incertezas e, infelizmente, uma das certezas é a remuneração baixa, enquanto suas incertezas dizem respeito à carga laboral e ao tempo que teria, para se organizar, sem a ocorrência de um esgotamento. Tais desgastes físico, mental e intelectual — observados na profissão e presentes no imaginário dos participantes da pesquisa — afetam as qualidades de vida e de trabalho dos sujeitos e, naturalmente, preocupam os profissionais. Vejamos a fala de Kepler:

Olha, pensando no cenário do professor recém formado, eu sei que vou ter uma remuneração baixa, que os locais de trabalho provavelmente vão depender de qual esfera eu vou estar, se em uma escola privada ou em uma escola pública. Então, isso é complexo. Eu não tenho ideia de como será a

questão da carga horária. Eu gostaria muito de ter uma carga horária cheia, mas também não sei até que ponto isso é bom ou não. Mas, se eu tivesse uma carga horária cheia, eu gostaria de ter horas para eu poder elaborar aulas e tal. Por que, imagina: 40 horas seguidas dando aula sem poder ter um tempo para conseguir se organizar para aulas (KEPLER. Relato pessoal).

Os relatos dos jovens professores revelam elementos que mesclam as concepções de aula, de futuro profissional e de condições de trabalho. Nesse pensamento, destacamos que a remuneração, as condições de trabalho e, especialmente, a qualidade das aulas são elementos fundamentais para os entrevistados, enquanto questões, envolvendo iniciar e/ou seguir na docência, seguem como dúvidas, tanto para os concluintes quanto para os já formados. Algumas das preocupações trazidas já são notoriamente conhecidas por aqueles que vivem ou investigam a área, bem como muitas das problemáticas que são responsáveis por atravancar as perspectivas profissionais, conforme os relatos, são denunciadas por pesquisadores e por profissionais da Educação e do ensino de Geografia. As consequências desse contexto já são visíveis no desinteresse pela formação e na baixa atratividade da profissão, anteriormente referenciadas. No entanto, coube-nos analisar o impacto subjetivo desse cenário na vida dos três profissionais, cujas carreiras estão apenas iniciando — no limiar de pós-formação, portanto — e como estas conjunturas, repletas de discrepâncias, afetam as suas expectativas, o que nos leva a refletir e a reforçar a necessidade premente da valorização profissional da carreira docente.

Considerações finais: o que fica disto para a formação de professores e de professoras?

Diante das provocações que encontramos, ao analisar as perspectivas profissionais de professores e de professoras de Geografia, fica evidente que as condições precárias, que rondam a realidade docente, geram preocupações e afetam as expectativas dos professores, conforme os relatos colhidos e analisados. Tais sujeitos, que estão nos momentos finais de sua formação ou que se formaram, recentemente, são acometidos por incertezas quanto a sua carreira, ao mesmo tempo que entendem que existem situações precárias postas, como a remuneração baixa, em muitas realidades. Em meio a tais desafios, esses jovens buscam caminhos para uma atuação profissional docente que contemple propriedades que consideram essenciais para a sua satisfação profissional, que envolvem, especialmente, remuneração justa e carga horária adequada, fatores que podem contribuir com a qualidade das aulas e evitar o esgotamento físico-mental na profissão.

Contudo, a situação observada nos últimos anos não sugere uma mudança considerável nesse cenário. Enquanto os colegas, com os quais conversamos, encontram caminhos individuais para contornar as limitações de muitos cenários da profissão, sabe-se que tal busca por alternativas não é possível a todos os que já vivem nessa realidade ou que nela atuarão. Ao mesmo tempo, a baixa atratividade e o desinteresse pela carreira, observados em um contexto mais amplo, reforçam a urgência de se abordar a precariedade das condições de trabalho desses profissionais. Dito de outro modo, como não pensar nos efeitos futuros do desinteresse e da desvalorização contínua da docência para um projeto de país, os quais podem ser ainda mais impactantes do que os atuais?

Este trabalho procurou não generalizar as interpretações, feitas a partir das conversas com os três sujeitos participantes da pesquisa, mas, sim, avaliar a realidade da profissão e buscar entender, subjetivamente, de que forma as expectativas desses sujeitos os levam a refletir sobre suas trajetórias, diante de seus imaginários acerca da profissão, nos quais se observam os dilemas, referentes às vidas profissional e pessoal, em uma carreira financeira e socialmente desvalorizada, em muitos contextos. Do mesmo modo, não buscamos, a partir deste trabalho, incitar qualquer desestímulo à carreira docente. Ao contrário, objetivamos salientar, pelos discursos aqui colocados, a importância da docência e revelar, a partir deste recorte, como as condições de trabalho de nosso grupo profissional necessitam significativas mudanças.

A docência nos toca e nos cativa, pois acreditamos no seu papel transformador. No entanto, a realidade profissional nos arrefece, por vezes. Contudo, perseveramos em construir caminhos, na docência, para que nossas maiores preocupações sejam a sala de aula e os encantos que ela gera, como nos relata um dos sujeitos entrevistados, que bem representa muitos de nós, professores e professoras:

Então, quando eu estava dentro de uma sala de aula e via que um aluno se apropriou de um conhecimento, de alguma situação, e aquilo fez bem para ele, sabe, que aquilo ali vai de alguma forma ajudar ele em um futuro, isso me deixa bastante tocado. E é isso que eu gosto de pensar e sentir... De que essa troca é muito importante. (...) Porque às vezes tu lança conhecimento e às vezes tu recebe conhecimento. Às vezes tu lança conhecimento e recebe felicidade.

Referências

ARANHA, Antônia Vitória Soares; SOUZA, João Valdir Alves de. As licenciaturas na atualidade: nova crise? *Educar em Revista*, Curitiba, n. 50, p. 69-86, out./dez. 2013.

CAVALCANTI, Lana de Souza. *Pensar pela geografia: ensino e relevância social*. 1. ed. Goiânia: C&A Alfa Comunicação, 2019. v. 1. 232p.

CRAIDE, Sabrina. Carreira de professor desperta cada vez menos o interesse de jovens. *Agência Brasil*, Brasília, 2017. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2017-10/carreira-de-professor-desperta-cada-vez-menos-o-interesse-de-jovens>. Acesso em: 25 ago. 2021.

DETACHMENT (O Substituto). Direção: Tony Kaye. [S. l.]: Distribuição Tribeca Films, 2012. 1 DVD (97 min).

KAERCHER, Nestor André. Quando a geografia crítica pode ser um pastel de vento. *Mercator*, Fortaleza, v. 3, n. 6, nov. 2008.

MARTINEZ, Cesar Augusto Ferrari; ROCKENBACH, Igor Armino; KAERCHER, Nestor André. Caracterização da oferta de vagas para professores de Geografia nas redes públicas municipais do estado do Rio Grande do Sul. *Boletim Geográfico do Rio Grande do Sul*, Porto Alegre, n. 35, p. 51-68, 2020.

PORTUGAL, Jussara Fraga. “Quero te contar o que aprendi...”: narrativas de formação e de aprendizagens da/na/sobre a docência em geografia. *Revista da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Geografia (ANPEGE)*, v. 15, n. 28, p. 194-219, set./dez. 2019.

SHIROMA, Eneida Oto; MICHELS, Maria Helena. EVANGELISTA, Olinda; GARCIA, Rosalba Maria Cardoso. A tragédia docente e suas faces. In: EVANGELISTA, Olinda; SEKI, Allan Kenji. (Orgs.). *Formação de professores no Brasil: leituras a contrapelo*. 1ed. Araraquara: Junqueira e Marin, 2017, v. 1, p. 17-56.

Marcos Bohrer

Licenciado em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Mestre em Geografia na linha de Ensino de Geografia (UFRGS). Atualmente cursa o doutorado na linha de Ensino de Geografia no Programa de Pós-Graduação em Geografia (POSGEA/UFRGS). Professor do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico (EBTT) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Catarinense (IFC).

Endereço Profissional: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação. Av. Paulo Gama, s/n Prédio 12201 – 9º andar, Farroupilha, 90046900 - Porto Alegre, RS – Brasil.

E-mail: marcosbohrer@gmail.com

Igor Armino Rockenbach

Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Mestre em Geografia (2017) e Licenciado em Geografia (2015) pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel).

Endereço Profissional: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação. Av. Paulo Gama, s/n Prédio 12201 – 9º andar, Farroupilha, 90046900 - Porto Alegre, RS – Brasil.

E-mail: irockenbach@outlook.com

Nestor André Kaercher

Licenciado em Geografia e mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Doutor em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (USP). Professor Titular da Faculdade de Educação (FACED) e do Programa de Pós-Graduação em Geografia (POSGEA) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Endereço Profissional: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação. Av. Paulo Gama, s/n Prédio 12201 – 9º andar, Farroupilha, 90046900 - Porto Alegre, RS – Brasil.

E-mail: nestorandrek@gmail.com

Recebido para publicação em 08 de setembro de 2021.
Aprovado para publicação em 02 de fevereiro de 2022.
Publicado em 04 de fevereiro de 2022.